

# A EXPRESSÃO E A CONCORDÂNCIA VERBAL DA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL EM FLORIANÓPOLIS/SC: DADOS DE FALA E TEXTOS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

*Izete Lehmkuhl Coelho*

Universidade Federal de Santa Catarina/CNPq

*Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott*

Universidade Federal de Santa Catarina

*Juliana Flores das Chagas*

Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC

*Ana Kelly Borba da Silva Brustolin*

Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC

*Gabriella Ligocki Pedro Silvano*

Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC

## 1. INTRODUÇÃO

O sistema pronominal e o sistema de flexão verbal são fenômenos variáveis que se correlacionam. Neste capítulo, trazemos três estudos que investigaram, de alguma maneira, essa correlação com os pronomes de primeira pessoa do plural

*nós* e *a gente*, pronomes que se mostram bastante produtivos na fala e na escrita do Português Brasileiro.

Os três estudos resultam de pesquisas de mestrado (CHAGAS, 2015; BRUSTOLIN, 2009; SILVANO, 2016) realizadas na Pós-Graduação em Linguística da UFSC e orientadas pela Prof<sup>a</sup>. Izete Lehmkuhl Coelho. Coelho vem investigando tanto o sistema pronominal quanto o sistema de flexão verbal e suas correlações em inúmeras pesquisas, tanto com dados sincrônicos, como é o caso desses trabalhos por ela orientados, quanto com dados diacrônicos (COELHO, 2019), que possibilitam melhor entender o percurso de variação e mudança de ambos os fenômenos. Além disso, a pesquisadora dedica-se a estabelecer correlações entre as pesquisas na área da sociolinguística e o ensino, o que também aparece nos resultados desses trabalhos nos quais são analisadas amostras de fala e escrita de estudantes da educação básica, além de amostras do Banco VARSUL, projeto do qual faz parte há quase três décadas. Agradecemos muitíssimo a nossa homenageada, Izete, pela orientação e coautoria das pesquisas, objeto deste capítulo.

Nessas pesquisas, a serem aqui apresentadas, temos em Chagas (2015), na seção 2, uma análise da concordância de *a gente* em estruturas predicativas na fala florianopolitana. Já em Brustolin (2009), na seção 3, encontramos um estudo da variação e uso de *nós* e *a gente* na escrita e na fala de alunos de anos finais do Ensino Fundamental da cidade de Florianópolis em quatro escolas estaduais. E em Silvano (2016), na seção 4, observamos a análise de variáveis internas e externas à língua que condicionam a variação na concordância verbal da primeira pessoa do plural (P4) em duas amostras de duas escolas da Rede Pública de Florianópolis.

## 2. CONCORDÂNCIA DE GÊNERO E NÚMERO DE A GENTE EM ESTRUTURAS PREDICATIVAS NA FALA FLORIANOPOLITANA

Contemporaneamente, a forma *a gente* é utilizada como alternativa à expressão do pronome *nós*, prática que representa o resultado de um processo de mudança que envolve diversos fatores linguísticos e sociais. Esse movimento, conforme Lopes (2003), tem sua origem na forma nominal *gente*, a qual é derivada do substantivo latino *gēns*, *gentis*, que significa “raça”, “família”, “tribo”, “o povo de um país, comarca ou cidade”. Desse modo, *a gente* possui como herança latina o caráter genérico e globalizante; no entanto, ainda hoje, segundo a autora, não é possível considerar essa forma apenas como um pronome indefinido, mas, sim, como um pronome pessoal que também pode possuir uma referência indefinida.

Visto isso, Chagas (2015) objetivou compreender o processo que movimentou o substantivo indefinido *gente* à categoria de pronome de primeira pessoa do plural, a partir da análise do comportamento do *a gente* em estruturas predicativas, a fim de compreender a mudança que está ocorrendo no paradigma pronominal do Português Brasileiro, em amostras de fala da cidade de Florianópolis.

Para isso, a autora tomou como base a Teoria da Variação e Mudança (WLH, 1968), assim como os demais estudos aqui arrolados, bem como preceitos sobre o fenômeno da gramaticalização de Hopper (1991) e Heine (2003), além da teoria de traços formais e semânticos de Rooryck (1994), retomada por Lopes (1999; 2003) e Lopes e Rumeu (2007). Chagas (2015) ancorou seu estudo também em diversas pesquisas sociolinguísticas que analisaram o fenômeno com base em diferentes abordagens, como a alternância entre *nós* e *a gente* (OMENA, 1998; 2003; MACHADO, 1995; CALLOU; LOPES, 2004; SEARA, 2000; VIANNA; LOPES, 2015), a concordância verbal de primeira pessoa do plural (ZILLES et al, 2000; ZILLES; BATISTA, 2006) e a concordância de *a gente* em estruturas predicativas (VIANNA, 2006; 2011).

À luz das teorias e pesquisas supracitadas e com o suporte do controle de fatores sintático-semânticos (traços de gênero, número e pessoa) que operam na mudança categorial do *a gente*, a autora analisou duas amostras de fala de informantes nascidos em Florianópolis nos períodos de 1990 e 2010 pertencentes ao banco de dados do Projeto VARSUL.

Foram coletadas todas as ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* em construções predicativas com foco na correlação das flexões de gênero e número nesses contextos:

i. *A gente* em posição de sujeito em estruturas predicativas

(1) Meu Deus, *a gente* era tão... tão respeitado, né? (FEM/VEL/SUP/9)<sup>128</sup>

ii. *Nós* em posição de sujeito em estruturas predicativas

(2) *Nós* já somo muito velha. (FEM/JOV/SUP/9)

---

<sup>128</sup> Estas abreviaturas se referem à estratificação do informante segundo as variáveis sexo, faixa etária, grau de escolaridade e década, respectivamente, sendo: Sexo (FEM – feminino; MAS – masculino); Faixa Etária (JOV – 15 a 24 anos; ADULT – 25 a 49; VEL – acima de 50 anos); Escolaridade (FUND – até 8 anos; SUP – acima de 8 anos); Década (9 – década de 1990; 2 – década de 2010).

Inicialmente, a autora pretendeu trabalhar com 48 gravações de entrevistas de informantes florianopolitanos de zonas urbanas, sendo 24 da amostra de 1990 e 24 da amostra de 2010. Para tanto, Chagas (2015) organizou amostras a partir de 24 falantes do sexo feminino, 12 possuindo até 8 anos de escolaridade e 12 com mais de 8 anos de escolaridade; e 24 falantes do sexo masculino, igualmente, 12 com até 8 anos de escolaridade e 12 com mais de 8 anos de escolaridade, constituindo-se, desse modo, dois informantes por célula.

No entanto, devido à natureza complexa do fenômeno, a concordância de *a gente* em estruturas predicativas, o número de dados encontrados se mostrou escasso e ocasionalmente inexistente. Portanto optou a autora por incluir na análise contextos não urbanos, considerando a hipótese de Chagas (2015) de que o fenômeno não variava entre as regiões urbanas e não urbanas de Florianópolis – fato que poderá ser constatado em pesquisas futuras. Sendo assim, o *corpus* da autora se constituiu por 22 gravações de entrevistas referentes à amostra 1990 (11 homens, 6 com até 8 anos de escolaridade e 5 com mais de 8 anos de escolaridade; e 11 mulheres, 6 com até 8 anos de escolaridade e 5 com mais de 8 anos de escolaridade). No que concerne à amostra 2010, foram utilizadas 16 entrevistas (5 homens, 3 com até 8 anos de escolaridade e 2 com mais de 8 anos de escolaridade; e 11 mulheres, 5 com até 8 anos de escolaridade e 6 com mais de 8 anos de escolaridade).

A variável dependente se trata da alternância entre estruturas predicativas com a forma inovadora *a gente* e estruturas predicativas com o pronome padrão *nós*, ambos em posição de sujeito (*A gente está/estamos cansado/a(s) / Nós estamos cansado/a(s)*). Esse fenômeno possui uma complexidade, comum no processo de gramaticalização, decorrente da não correlação entre os traços semânticos e formais do *a gente* pronominal. Isso significa que o *a gente*, embora seja formalmente expresso no singular, possui significado plural, o qual, assim como o *nós*, pode compreender outras possibilidades de referência (eu+tu/você, eu+ele/ela, eu+vocês, eu+eles/elas, eu+todos e eu genérico). Assim, somente a alternância entre as formas pronominais não é suficiente para entender a pronominalização do *a gente*, pois também se faz necessária a análise da sua dependência, em comparação com a do *nós*, com as concordâncias de gênero e número expostas nos elementos predicativos.

A fim de analisar, então, a correlação dos pronomes em estruturas predicativas com seus traços semânticos e formais, elencaram-se as seguintes variáveis linguísticas e sociais: extensão semântica do referente; concordância de gênero e número com as formas pronominais em estruturas predicativas; concordância verbal

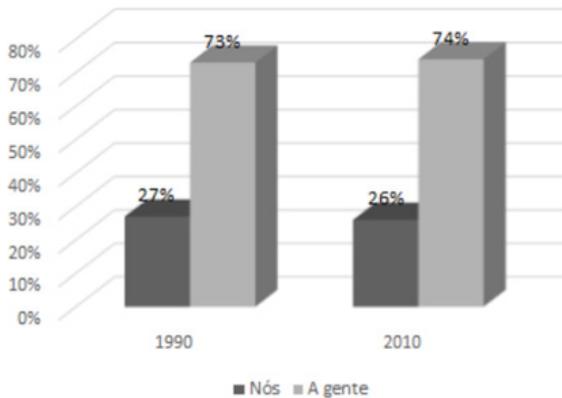
com as formas pronominais em estruturas predicativas; preenchimento do sujeito em estruturas predicativas; grau de escolarização; sexo; faixa etária; e década.

Chagas (2015) tomou como base para a classificação a variável dependente, ou seja, separou um conjunto de dados que continham sentenças com estruturas predicativas com o sujeito *a gente* e outro conjunto de sentenças de estruturas predicativas com o sujeito *nós*. Após isso, a autora fez uma segunda rodada a partir do pronome e da década a fim de identificar o comportamento individual de cada forma pronominal em cada década em relação aos condicionadores linguísticos e extralinguísticos.

Desse modo, após as várias rodadas estatísticas, as variáveis linguísticas e sociais mais significativas, considerando apenas os índices percentuais, foram: (i) concordância de gênero e número com as formas pronominais em estruturas predicativas; (ii) extensão semântica do referente; (iii) concordância verbal com as formas pronominais em estruturas predicativas; (iv) sexo; e (v) década.

Analisando as duas amostras juntas, os resultados apontam que os falantes preferem usar *a gente* em detrimento do *nós*: os dados obtidos através da análise de tais entrevistas totalizam 202 ocorrências de estruturas predicativas com *nós* e *a gente*, sendo 26% (53 dados) com *nós* e 74% (149 dados) com *a gente*. Já nos resultados por período, na primeira amostra, referente à década de 1990, foram encontrados 155 dados, 41 (27%) com o pronome *nós* e 114 (73%) com *a gente*; e, no que se refere à amostra de 2010, foram obtidos apenas 47 dados, 12 (26%) com o pronome *nós* e 35 (74%) com *a gente*. Visto isso, entre as décadas de 1990 e 2010, a frequência de uso da forma inovadora *a gente* foi ampliada em 1%, aproximando-se dos resultados de Omena (2003) para as amostras de fala do Rio de Janeiro, que, assim como Callou e Lopes (2004), afirma que o leve aumento entre os anos não agrega uma mudança na comunidade. Ou seja, esse comportamento indica uma certa estabilidade no processo de mudança no paradigma pronominal brasileiro.

**Gráfico 13.1** – Porcentagem geral do uso de *nós* e *a gente* em duas amostras do VARSUL.



A partir da análise da variável concordância de gênero e número em estruturas predicativas, Chagas (2015) conseguiu evidenciar que, indo ao encontro de suas hipóteses, na fala florianopolitana, as formas singulares são favorecidas pelo uso do *a gente* e as formas no plural do *nós*. Com isso, a autora encontrou três estratégias de concordância com o *a gente*:

i. **A gente + Feminino Singular**

(3) *A gente se sente que é obrigada a ir. (FEM/VEL/FUND/9)*

ii. **A gente + Masculino Singular**

(4) *Muitas vezes a gente é confundido com turista. (FEM/ADULT/SUP/9)*

iii. **A gente + Masculino Plural**

(5) *A gente trabalha juntos. (FEM/ADULT/SUP/2)*

Ainda, encontrou quatro estratégias de concordância para o pronome *nós*:

i. **Nós + Feminino Singular**

(6) *Nós já somo muito velha. (FEM/JOV/FUND/9)*

ii. **Nós + Feminino Plural**

(7) *Nós crescemos juntas, né? (FEM/JOB/SUP/9)*

### iii. Nós + Masculino Singular

(8) *Nós somo só católico.* (MAS/JOV/SUP/9)

### iv. Nós + Masculino Plural

(9) *Se nós fossemos honestos [...].* (FEM/VEL/SUP/9)

Além disso, o resultado mais relevante foi o aumento no uso do masculino singular e plural com o *a gente* em 20 anos, que passou de 68% (78/114) em 1990 para 80% (28/35) em 2010, o que, segundo Vianna (2006), evidencia um novo estágio no processo de gramaticalização de *a gente*, que, ao se combinar com adjetivos e participios em estruturas predicativas, perde o seu caráter referencial, demonstrando a subespecificação semântica de gênero desse pronome. Ademais, Chagas (2015) apontou também um aumento do masculino singular – 46% (19/41) em 1990 para 75% (9/12) em 2010 –, que pode, nesse caso, representar o encaixamento do *a gente* no sistema pronominal do PB. Isso por conta de sua origem ser em um substantivo singular, que acaba favorecendo a combinação com estruturas também no singular.

Em relação à variável extensão semântica do referente, os resultados apontam para um uso maior da marcação masculino singular, tanto para nós quanto para *a gente*, realizado exclusivamente para fazer referências determinadas (homens e mulheres) e majoritariamente indeterminadas (mista e genérica). Esse comportamento segue os resultados de Vianna (2006), que justifica essa preferência por conta da manutenção de traços pertencentes à sua forma de origem, conforme o Princípio da Persistência de Hopper (1991). Ou seja, mesmo que o *a gente* referencie o “falante+alguém”, ainda existe um traço indeterminador em sua natureza originário no substantivo coletivo *gente* que se mostra atuante ainda na contemporaneidade.

A concordância verbal em estruturas predicativas também corroborou a hipótese de que o *a gente* favorece formas singulares e o *nós* favorece formas plurais. A forma pronominal *a gente* se combinou mais com estruturas no singular, apresentando frequência de 86% em 1990 e 97% em 2010. Entretanto, foram encontrados apenas dois dados de *a gente* se combinando em verbos flexionados na primeira pessoa do plural, o que pode estar relacionado à sua incompatibilidade de traços formais e semânticos – referência ao “falante+alguém” e concordância verbal em P3. Ou seja, ao vir acompanhada de verbos em P4, essa forma acaba se comportando como um pronome legítimo, apresentando os mesmos traços semânticos e formais segundo algumas autoras, como Lopes (1999) e Vianna (2006).

Quanto às variáveis sociais, a primeira mais relevante foi o grau de escolarização dos informantes. A escola se mostra mais conservadora nos primeiros anos de ensino, prescrevendo o uso do pronome padrão *nós*. No entanto, os informantes mais escolarizados se comportam de forma mais inovadora do que os informantes que possuem menos de 8 anos de escolaridade, apresentando maior frequência de uso do *a gente*, o qual tem seu número ampliado em 20 anos. Esse padrão pode apontar para uma não estigmatização social dessa forma. Por outro lado, informantes menos escolarizados possuem maior frequência de uso de concordância de número não padrão com o pronome inovador, enquanto os mais escolarizados apresentam uso categórico da concordância padrão.

A segunda variável social e, sem dúvida, mais relevante, foi o sexo do informante. Isso porque nossos resultados apontam as mulheres como as maiores favorecedoras de formas inovadoras para esse fenômeno. A partir de um estudo de tendência, o uso de *a gente* passou de 72% em 1990 para 87% em 2010, ao passo que os homens tiveram seu uso diminuído de 77% para 50% em 20 anos. Os resultados indicam que, no processo de mudança linguística, as mulheres assumem a liderança quando a forma inovadora é socialmente prestigiada, como defende Labov (2001). Uma evidência desse prestígio é a preferência dos mais escolarizados por essa forma, como evidenciado anteriormente na análise do grau de escolarização.

Em relação à concordância de gênero com a forma *a gente*, o papel determinante das mulheres também é evidenciado, pois são elas que apresentam variação nas marcações de gênero, enquanto os homens são categóricos no uso do masculino. Nesse contexto, entre as mulheres, o uso do masculino singular é extremamente produtivo tanto em 1990 quanto em 2010, tendo sua frequência de uso ampliada de 52% para 74% dentro de 20 anos. Esses resultados destacam a importância das mulheres e do masculino singular como principais condicionadores do encaixamento do *a gente* no quadro pronominal do PB. Assim, os resultados de Chagas (2015) vão ao encontro dos de Vianna (2006), que relaciona o uso do masculino como uma marcação *default*, que perde da subespecificação semântica de gênero, assim como da função pragmático-discursiva no predicativo. Desse modo, a manutenção do caráter indeterminado do substantivo *gente*, justificado pelo Princípio da Persistência de Hopper (1991), impulsiona o uso do masculino singular por se tratar de uma forma neutra e não marcada.

Considerando o estágio de mudança da forma pronominal do *a gente*, a autora evidenciou, a partir de um estudo em tempo real de curta duração – e também de tendência, por conta dos indivíduos diferentes nas duas amostras de

fala florianopolitana –, que o uso do *a gente* ainda não se encontra num estágio em progresso, pois o aumento em 1% de uso em 20 anos não representa uma mudança na comunidade, assim como mostram os resultados de Omena (2003) e Callou e Lopes (2004).

Além disso, no que se refere às variáveis linguísticas e sociais, foram revelados: a concordância de gênero e número e o sexo são os mais relevantes, pois as mulheres são favorecedoras do *a gente*, aparentemente por conta de seu prestígio entre os falantes mais escolarizados. O alto número do masculino singular pode representar o encaixamento da forma inovadora no paradigma pronominal do PB por conta da origem da expressão ser um substantivo singular, o que, à luz de Hopper (1991), contribui para a combinação com estruturas também no singular.

Chagas (2015) conseguiu comprovar ainda que o uso de *a gente* com o masculino singular para referências definidas e indefinidas de fato representa uma nova posição na gramaticalização da forma. Os resultados alcançados pela autora, assim, indicam que a generalização do masculino singular e o estabelecimento dessa forma como *default* acarretam a perda da subespecificação semântica de gênero do *a gente*. Isso pode ser justificado também pela manutenção do caráter indeterminador da forma original da expressão, a qual impulsiona o uso do masculino singular por conta de sua forma neutra e não marcada.

### 3. ITINERÁRIO DO USO E VARIAÇÃO DE *NÓS* E *A GENTE* EM TEXTOS ESCRITOS E ORAIS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA DE FLORIANÓPOLIS

Brustolin (2009) investigou a variação e uso de *nós* e *a gente* na escrita e na fala de alunos nos anos finais do Ensino Fundamental da cidade de Florianópolis em quatro escolas estaduais. Foram feitas coletas escritas e orais, visto que a análise das entrevistas orais foi efetivada apenas na escola 3, como especificaremos mais adiante. Os alunos narraram, na entrevista oral, a mesma história que havia sido relatada na atividade escrita, a fim de que pudessem ser realizadas as comparações das duas modalidades (oral e escrita).

Nas narrativas, foi solicitado aos alunos que contassem uma experiência vivida juntamente com outras pessoas para que se resgatasse, preferencialmente, a primeira pessoa do plural. A amostra constituiu-se de 393 produções escritas com 1.284 dados de *nós* e *a gente* e 85 orais com 383 dados de *nós* e *a gente*.

A variável dependente controlada no estudo de Brustolin (2009) constituiu-se dos pronomes pessoais de primeira pessoa do plural (*nós* e *a gente*) na função de sujeito, como nos exemplos retirados da amostra investigada: (i) *Nós entramos sem permissão* (83M3e<sup>129</sup>); (ii) *Não, a gente ficamos lá, a gente ficamos um pouco no restaurante e depois voltamos pra casa* (50F3f). As variáveis independentes linguísticas foram (i) ‘preenchimento do sujeito’ (preenchido e nulo); (ii) ‘marca morfêmica’ (-mos e Ø); (iii) ‘referência *nós/a gente*’ (eu + interlocutor; eu + 3ª pessoa e; eu + eu genérico); (iv) ‘paralelismo formal’ (sujeito-sujeito; com clíticos: sujeito-objeto e; com possessivos: sujeito-adjunto adnominal); (v) ‘saliência fônica’ (do nível 1 ao 6, posteriormente amalgamados em dois níveis de 1 a 3 e de 4 a 6 graus devido à ocorrência de *knockout*); e (vi) ‘tempo verbal’ (do indicativo: presente; pretérito perfeito; pretérito imperfeito; pretérito mais do que perfeito; futuro do presente; futuro do pretérito e outros). Para as rodadas estatísticas, foram feitos os amálgamas necessários, permanecendo somente: presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo. Foram controladas as variáveis extralinguísticas: ‘sexo’ (masculino e feminino), ‘faixa etária’ (10 a 19 anos, posteriormente divididas em: 10 a 14 e 15 a 19), ‘série’ (5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries) e ‘tipo de escola’ (1, 2, 3, 4, sendo que todas as escolas estão localizadas na ilha de Santa Catarina). A escola 3 foi a única em que a autora realizou também a análise de ‘fala’, enquanto as outras escolas tiveram apenas os dados de escrita analisados.

O resultado total de dados de *nós* e *a gente* na escrita e na fala com ocorrência de 1.667 dados teve 25% de presença do pronome *a gente* (424 ocorrências) e 75% do pronome *nós* (1.243). Considerando o pronome *a gente* como aplicação da regra, o programa VARBRUL selecionou os seguintes grupos de fatores: ‘marca morfêmica’; ‘preenchimento do sujeito’; ‘fala/escrita’; ‘paralelismo formal’ (sujeito/sujeito); ‘saliência fônica’; ‘sexo’; ‘série’; e ‘paralelismo formal’ (sujeito/objeto).

---

<sup>129</sup> Os códigos entre parênteses referem-se à estratificação da amostra de Brustolin, a saber: (i) 5,6,7 e 8 série, a qual o aluno que produziu o dado estava vinculado – 5ª, 6ª, 7ª, e 8ª séries (correspondentes ao 6º, 7º, 8º e 9º anos, atualmente); (ii) escola (1,2,3,4); (iii) sexo (M-masculino, F-feminino); (iv) faixa etária; e (v) modalidade escrita ou falada.

**Gráfico 13.2** – Distribuição do uso de *nós* e *a gente* em nossa amostra



Fonte: Brustolin, 2009, p. 165.

A ‘marca morfológica’ do verbo que acompanha o pronome de primeira pessoa do plural’, um dos grupos de fatores selecionados pelo programa VARBRUL, apresentou resultados, mostrados nas Tabelas 13.1 e 13.2 a seguir, que atestaram a hipótese da autora de maior ocorrência de combinação de *a gente* com verbo em P3 e de *nós* com verbo em P4.

Houve 92% de morfema Ø (zero) com peso relativo de 0,99 contra 4% de *-mos* para *a gente* com peso relativo de 0,21. Destacamos o peso relativo elevadíssimo da combinação *a gente* com morfema zero (0,99), como em (10).

(10) *A gente ficou feliz* (51F1e)

Mesmo que a hipótese da autora fosse a de que houvesse mais a combinação de *a gente* + Ø (zero), o nível de escolaridade dos alunos, que ainda estavam cursando o Ensino Fundamental, justificaria se esse número fosse menor. A seguir, apresentamos a Tabela 13.1 com os resultados obtidos pela autora:

**Tabela 13.1** – Frequência e probabilidade de *a gente*, segundo a variável marca morfológica do verbo que o acompanha<sup>130</sup>

Marca morfológica	Aplicação/Total	%	PR
Morfema <i>-mos</i>	56/1.216	4%	.21
Morfema Ø (zero)	368/395	92%	.99
TOTAL	424/1.667	25%	

Fonte: Brustolin, 2009, p. 168.

<sup>130</sup> A autora realizou rodada somente com a variável ‘tempo verbal’, excluindo a variável ‘saliência fônica’ a fim de verificar se os resultados se diferenciariam muito, porém, nesta rodada, a variável ‘marca morfológica’ foi a mais significativa e apresentou a mesma frequência quando rodada com as duas variáveis.

Brustolin (2009) realizou também um cruzamento entre as variáveis fala/escrita e marca morfêmica do verbo que acompanha o pronome *a gente* para verificar o percentual de *a gente* na escrita e na fala com a marca morfêmica *-mos* e com a marca morfêmica  $\emptyset$  (zero). Os resultados estão apresentados na Tabela 13.2 a seguir:

**Tabela 13.2** – Frequência de *a gente*, segundo cruzamento entre as variáveis fala/escrita e marca morfêmica do verbo que o acompanha

	MARCA MORFÊMICA	ESCRITA		FALA	
		Aplicação/Total	%	Aplicação/Total	%
A gente	-mos	29/174	17%	27/250	11%
	$\emptyset$	145/174	83%	223/250	89%
	Total	174/1284	14%	250/383	65%
Nós	-mos	1086/1110	98%	130/133	98%
	$\emptyset$	24/1110	2%	3/133	2%

Fonte: Brustolin, 2009, p. 171.

Os resultados indicam mais ocorrências do pronome *a gente* com marca morfêmica  $\emptyset$  do que com marca morfêmica *-mos* tanto na fala quanto na escrita (89% e 83%, respectivamente). Vale ressaltar que a ocorrência de *a gente* + *-mos* foi maior na escrita (17%) do que na fala (11%), o que podemos atribuir à possibilidade de se tratar de uma “hipercorreção<sup>131</sup>”, como em: (i) “[...] na ora que *agente entramos*” (54M1e). É possível que se trate de hipercorreção porque há, na escrita, um monitoramento maior do que na fala, que é mais espontânea. Quanto ao preenchimento do sujeito, o pronome *a gente* tende a ser mais preenchido do que nulo em todas as ocorrências, como sugere Duarte (1993 e 1995).

Mesmo com um número baixo do pronome *a gente* na escrita dos alunos (174 ocorrências contra 1.086 de *nós*), como em: (i) *Aí nós tava no campo, aí fizero gol* (51M3f), Brustolin (2009) afirma que esse quadro já é um indício da inserção deste pronome na língua escrita dos alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental. A autora ainda ressalta que a concordância do pronome *a gente* com marca morfêmica  $\emptyset$  mostra que formas gramaticalizadas não perdem inteiramente as suas propriedades originais, mantendo, neste caso, a possibilidade de CV com P3 e a pluralidade inerente ao nome coletivo *gente* (LOPES, 1999; VIANNA, 2006). Os resultados de seu estudo corroboram os resultados de Vianna (2006), em que a autora, investigando amostras de fala e de escrita carioca, constatou maior

<sup>131</sup> O termo “hipercorreção” indica a aplicação equivocada de uma regra aprendida imperfeitamente por desejo do falante de se expressar corretamente, como pronunciar “previlégio” por privilégio. Também chamada de “hiperurbanismo” ou “ultracorreção”. (CALVET, 2009).

produtividade de *a gente* na fala e de *nós* na escrita. Com base nos resultados das autoras, avaliamos que os pronomes *nós* e *a gente* aparecem tanto na escrita quanto na fala de alunos. Entretanto, o pronome *a gente* aparece predominantemente na fala e o pronome *nós*, predominantemente, na escrita.

Brustolin (2009) efetuou, ainda, rodadas estatísticas com os dados de escrita dos alunos de uma das escolas investigadas (escola 3) com o intuito de comparar com os dados de fala. Nessa rodada, os grupos de fatores selecionados como relevantes pelo programa VARBRUL foram: ‘marca morfêmica’, ‘paralelismo formal’ e ‘saliência fônica’. A autora estipulou como aplicação da regra o uso de *a gente*, e a CV de *a gente* com verbos com morfema Ø (zero) ou em P3 foi mais produtiva com uma frequência de 94% contra 5% de *a gente* com o morfema *-mos*. Quanto ao ‘paralelismo formal’ (sujeito-sujeito), a autora entendeu que, quando o pronome *a gente* inicia uma série na escrita, a tendência é que a escolha influencie no uso do verbo + Ø nas formas subsequentes (55% PR 0,85). (OMENA, 1998, 2003; LOPES, 1993; BRUSTOLIN, 2009). Brustolin destaca a ocorrência de *a gente... -mos* (22/234), afirmando que isso mostra a necessidade de atenção e pesquisas quanto a essa construção.

Quanto à ‘saliência fônica’<sup>132</sup>, houve maior frequência de *nós* nos níveis em que há maior saliência fônica e os resultados foram de 15% de *a gente* (56/362) no nível mais alto (2) e de 26% (10/38) no nível 1. O pronome *a gente* é mais usado nos níveis mais baixos de saliência, tanto na fala quanto na escrita da escola 3 (na fala, apresentou 79% de *a gente* contra 63% no nível mais alto). (OMENA, 1996, 1998; LOPES, 1993; NARO et. al., 1999; VIANNA, 2006; BRUSTOLIN, 2009, entre outros). Isso também ocorreu na rodada com todos os dados das quatro escolas em que *a gente* teve 34% de frequência no nível mais baixo de saliência e 24% no nível mais alto. Porém, em todos os casos, o PR indicou o nível de saliência da forma alvo favorável para o uso de *a gente* (0,57 na escrita e 0,68 na fala) contra 0,08 e 0,02 nos níveis baixos de saliência, desfavorecendo, assim, o pronome *a gente*.

Brustolin (2009) ressalta que, embora não haja estigma quanto ao uso do pronome *a gente*, há uma relação de estigma quanto à CV (realização *-mos* com *a gente* Ø com *nós*). Os resultados de seu estudo apontam que há 3% de uso de

---

<sup>132</sup> Definida como uma hierarquia das formas verbais em função do contraste entre a forma com a desinência e a 3ª pessoa do singular. A escala utilizada pela autora teve como base as propostas de Omena (1996, 1998), Lopes (1993) e Naro et al. (1999) e está subdividida em seis níveis de diferenciação fônica. Todavia, como ocorreu NOCAUTE na primeira rodada para alguns fatores, os níveis foram amalgamados para grau 1 (níveis 1, 2 e 3) e grau 2 (níveis 4, 5 e 6).

*a gente -mos* e 14% de *nós* Ø na escrita, mostrando que *a gente -mos* sofre mais estigma. Já para a fala, os dados são de 1% *nós* Ø e 17% *a gente -mos*.

A autora realizou teste de atitude para averiguar a avaliação dos pronomes *nós* e *a gente*. Baseada no teste de atitude (2009, p. 232) especialmente nas questões: “Que forma você falaria em uma situação formal?” e “Que forma você falaria em uma situação informal?”, avaliou, portanto, que, para os alunos, o pronome com a concordância estigmatizada é *nós* na construção *nós* Ø.

Por fim, podemos constatar, com o estudo de Brustolin (2009), que uma nova concepção de língua orienta uma nova forma de pensar seu ensino. Portanto, um dos primeiros objetivos e uma das primeiras atitudes do educador deve ser o reconhecimento da realidade sociolinguística presente na sala de aula e na comunidade em que está atuando. É fundamental realizar esse reconhecimento na realidade da sala de aula, sublinhando alguns pontos, como o da heterogeneidade linguística, o dos possíveis usos da língua (escrita e falada) em diversas situações de interação no cotidiano e outros, confrontando, deste modo, as diversas variedades presentes naquela determinada localidade e combatendo preconceitos entre os vários professores com seus alunos e entre os próprios alunos.

#### 4. A CONCORDÂNCIA VERBAL DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL EM TEXTOS ESCRITOS POR ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA DE FLORIANÓPOLIS

Silvano (2016) analisou fatores internos e externos à língua que condicionam os usos variados da concordância verbal de P4 em duas amostras de duas escolas da rede pública de Florianópolis<sup>133</sup>. A pesquisa foi composta pela amostra 1 e pela amostra 2. A amostra 1 constituiu-se de (i) dados de escrita dos alunos, (ii) questionários sociais aplicados aos alunos e (iii) questionários sociais aplicados aos professores; e a amostra 2, de avaliação/correção dirigida aos professores de Língua Portuguesa das turmas investigadas de um texto produzido por um aluno do 9º ano e adaptado para essa atividade.

Seguindo a teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), Silvano (2016) buscou observar, a partir do levantamento de variáveis linguísticas e sociais, os contextos em que a variação da concordância verbal de P4 ocorre com maior frequência. As três

---

<sup>133</sup> O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos (CEPSH) da UFSC, sob o número 1.147.319.

variáveis dependentes que são controladas, cada qual com sua forma em variação, são: (I) Sujeito *nós* com verbos em *-mos*, *-mo*, *zero*; (II) Sujeito SN (EU + SN) com verbos em *-mos*, *-mo* e *zero* e (III) Sujeito *a gente* com verbos em *-mos*, *-mo* e *zero*, as quais foram relacionadas a dez variáveis independentes, a saber: (i) forma verbal; (ii) realização/posição do sujeito; (iii) vogal temática; (iv) posição do acento; (v) saliência fônica; (vi) conjugação do verbo; (vii) estrutura verbal; (viii) escolaridade dos alunos; (ix) sexo; e (x) escolas. Abaixo, seguem exemplos<sup>134</sup> das três variáveis dependentes e suas variações:

(I) Sujeito *nós* com verbos em *-mos*, *-mo* e *zero*;

... **nós fomos** no cinema...

... não deixaria mais **nós sairmo** de casa sozinhos...

... depois do **nóis ia** brincar na rua...

(II) Sujeito SN (*eu* + SN) com verbos em *-mos*, *-mo* e *zero*;

... **eu e meu primo tivemos** a ideia de andar de bicicleta...

... **eu e a Sofia fomo** fazer pipoca...

... **Eu o Gabriel, Paulo, Yasmin e Iago tinha** uma cama elástica...

(III) Sujeito *a gente* com verbos em *-mos*, *-mo* e *zero*;

(17)... **a gente tinha** levado um pote de minhocas...

(18)... **a gente ficamos** cantando até ir a escola...

(19)... voseis tam com cerrou. **Gente saimo** correndo quando o...

Na amostra de dados de escrita dos alunos das duas escolas investigadas, foram coletados 1.113 dados no total, sendo que 872 eram de sujeito pronominal *nós* (78,4%), 145 eram de sujeito *eu* + SN (13%) e 96 eram de sujeito pronominal *a gente* (8,6%), atestando nossa expectativa de encontrar mais o pronome *nós* na escrita dos alunos do Ensino Fundamental, em virtude do maior monitoramento, que a modalidade escrita exige, especialmente no ambiente escolar. O panorama dos dados da amostra de Silvano (2016) aproximou-se dos resultados de Brustolin (2009), como vimos na seção anterior, que obteve 14% de uso de *a gente* contra 86% de uso de *nós* na escrita de alunos do Ensino Fundamental de Florianópolis e dos resultados de Agostinho (2013), cujos dados apontaram 55% de uso de *nós*, 36% de uso de *eu* + SN e 9% de uso de *a gente* na escrita de alunos do Ensino Fundamental de Itajaí.

---

<sup>134</sup> Os exemplos citados foram extraídos da amostra de produções escritas dos alunos do Ensino Fundamental das duas escolas da rede pública de Florianópolis.

Para realizar a análise dos resultados dos dados de escrita de primeira pessoa do plural com os sujeitos *nós*, *SN + eu* e *a gente*, foram efetuadas duas rodadas estatísticas, uma ternária, cuja regra de aplicação foi: (i) *–mos versus –mo versus zero*, e outra binária, cuja regra de aplicação foi: (ii) *–mos/–mo versus zero*, que ajudaram a atestar algumas das hipóteses. Não foi feita uma terceira rodada binária opondo *–mos versus –mo* em nenhuma das variáveis dependentes, como foi feita nos trabalhos de Zilles, Maya e Silva (2000) e Agostinho (2013), em circunstância dos pouquíssimos dados de *–mo* na amostra, o que não traria resultados expressivos para a análise do comportamento linguístico e social das variáveis dependentes e suas variantes.

Na segunda etapa (*–mos/–mo versus zero*) da rodada com o pronome *nós*, constatamos a força da variável social ‘sexo’ sobre as formas da concordância padrão de P4, sendo selecionada como significativa para o programa estatístico, com peso relativo de 0,72 de favorecimento para o sexo feminino. Os resultados destacam que o sujeito expresso na posição SV favoreceu o uso da concordância não padrão com a desinência *zero*, e o sujeito nulo favoreceu o uso da desinência *–mos*, atestando a hipótese. Atestou-se também a hipótese de que as formas menos salientes favorecem o uso da desinência P3 (*zero*) com o pronome *nós*. Não foi possível corroborar as hipóteses fortes sobre a posição do acento, uma vez que as paroxítonas foram as que indicaram a queda da desinência *–mos*, e não as proparoxítonas, como era esperado; tampouco se atestou a hipótese de que o infinitivo flexionado favorecia o uso da desinência *zero* quando os nossos resultados mostraram que o pretérito imperfeito foi o tempo verbal que predominou no uso da não concordância. A variável social ‘escolaridade’ mostrou-se importante, revelando que os alunos do 6º ano da escola 1 realizam mais o uso de *nós + zero*.

Na rodada com o sintagma *SN + eu* na posição de sujeito, a segunda etapa da rodada (*–mos/–mo versus zero*) apontou a ‘forma verbal’ como significativa para a concordância verbal de P4, revelando peso relativo de 0,63 para o pretérito perfeito, atestando a hipótese da autora. Sobre o favorecimento da não concordância, Silvano não atestou sua hipótese, uma vez que o pretérito imperfeito foi o que utilizou a desinência *zero*, em vez das formas do presente e infinitivo flexionado como esperava. Destaca-se, ainda, que não foi atestada a hipótese sobre a realização/ posição do sujeito, em que o uso do sujeito expresso anteposto ao verbo favorece o uso da desinência *–mos/mo*; no entanto, atestou-se a hipótese de que as formas menos salientes favorecem mais o uso da desinência *zero*, como esperado. A hipótese sobre a posição do acento não foi atestada, conforme os resultados encontrados em outros trabalhos.

Na rodada binária (*-mos versus zero*) com o sujeito pronominal *a gente*, não houve nenhuma variável selecionada como significativa para o uso da concordância padrão (desinência *zero*) pelo programa estatístico. No entanto, a autora conseguiu mostrar que o pretérito foi a forma verbal mais recorrente com este pronome na posição de sujeito e a que mais favoreceu o uso da concordância não padrão, com a desinência *-mos*. Sobre a variável ‘realização/posição’ dos sujeitos, destaca-se que o sujeito exposto anteposto ao verbo favorece o uso da desinência *-mos*, não atestando a hipótese. A respeito da variável ‘saliência fônica’, a hipótese de que as formas menos salientes favorecem o uso da concordância com P3 (desinência *zero*) foi confirmada. Com respeito à variável social ‘escolaridade’, os alunos do 6º ano utilizam mais o pronome *a gente* do que os alunos do 9º ano e favorecem mais o uso da não concordância (*a gente + -mos*), atestando a hipótese da autora. Destaca-se ainda que a escola 1 apresentou mais *a gente* que a escola 2 e que os casos de uso da desinência *-mos* estão concentrados na escola 1.

A análise dos questionários sociais dos alunos quanto às questões sobre (i) moradia; (ii) escolaridade do pai; (iii) escolaridade da mãe; (iv) acesso à internet; (v) gosto pela leitura; e (vi) material de leitura mostrou que o perfil social dos alunos das duas escolas analisadas não é muito discrepante, de maneira geral. Quanto à moradia, destacou-se que os alunos das duas instituições de ensino apresentam realidades muito semelhantes: a maioria deles reside em casa própria. As diferenças entre os alunos das duas escolas mostraram-se expressivas no tocante à escolaridade do pai e escolaridade da mãe. Na escola 1, a maioria dos pais tinha somente o nível fundamental (41%) e havia poucos com ensino superior (12%); as mães, com maioria até o nível médio (41%) e apenas 10% com nível superior. Enquanto isso, entre os alunos da escola 2, a maioria dos pais tinha ensino médio (37%) e 31% deles apresentaram ensino superior; as mães, em sua maioria, apresentaram nível superior (36%) e pós-graduação (31%). Percebeu-se que a escolaridade dos pais influencia a realidade econômica e cultural dos alunos, como a valorização do estudo e o acesso aos bens culturais. Observou-se, ainda, que isso pode ter influenciado o uso da concordância não padrão, uma vez que essas ocorrências se deram com mais frequência entre os alunos da escola 1.

Concernente à análise do perfil social dos professores, foi constatado que os da escola 1 distinguiram-se daqueles da escola 2 quanto à formação e às condições de trabalho. Os professores da escola 2 apresentaram pós-graduação em nível de mestrado e possuíam dedicação exclusiva, com turmas e número de alunos reduzidos, reuniões de estudo periódicas e acesso a diferentes recursos pedagógicos e midiáticos para elaboração de suas aulas. Mesmo com condições

diferentes, todos os professores investigados apresentaram algum conhecimento acerca dos pressupostos da sociolinguística. Chegamos à conclusão de que, a despeito das diferenças sociais entre eles, não podemos afirmar que o maior uso da concordância não padrão entre os alunos da escola 1 seja resultado do perfil desses profissionais, uma vez que houve alto índice de concordância em ambas as escolas, e outros fatores sociais, como o sexo, a escolaridade e o perfil dos alunos podem estar influenciando a não concordância.

Quanto à avaliação/correção de uma produção textual dirigida aos professores investigados, observou-se que todos os docentes privilegiam o conteúdo do texto, a coesão e coerência a despeito das questões gramaticais, uma vez que se tratava de uma primeira versão e que não ficaram claros alguns comandos ao aluno, como interlocutor e esfera de circulação do gênero produzido. No entanto, mesmo os profissionais com mais tempo de formação (os professores com pós-graduação da escola 2) demonstraram certo rigor na avaliação da variação da concordância verbal de P4 na modalidade escrita, destacando que o uso do pronome *a gente* é mais adequado na modalidade oral e que a concordância não padrão deveria ser corrigida para a versão final do texto. Ressalta-se que, em uma de suas observações, um dos professores analisados da escola 2 orientou o aluno a ter mais cuidado com a forma *a gente*, pois esse pronome seria mais usual na língua falada, e sugeriu a substituição da expressão “*a gente* brincar” por “brincarmos”, mais adequada para a modalidade escrita, em sua opinião. Por se tratar de escrita com traços de oralidade, uma vez que apresenta uma experiência pessoal relatada, o peso da modalidade escrita no ambiente escolar e do comando de modalidade formal da Língua Portuguesa sobressaiu-se à questão da variação linguística. Ainda assim, os professores não consideraram que a variação do aluno se tratava de um “erro”, na concepção pejorativa do termo.

Esta pesquisa atendeu aos objetivos quanto à realização de um estudo mais refinado acerca do fenômeno da concordância verbal de primeira pessoa do plural na escrita de alunos da Rede Pública de Florianópolis, uma vez que foi possível analisar o comportamento dessa variação no cruzamento de fatores importantes, peculiares da realidade social – econômica e cultural – dos alunos e dos professores de Língua Portuguesa – formação e condições de trabalho. Essa escolha metodológica propiciou uma “lente de aumento” às variáveis linguísticas e sociais, tradicionais à sociolinguística variacionista – corroborando um olhar mais apurado e fidedigno desse fenômeno linguístico em sua interface com as questões do ensino.

Por fim, a pesquisa de Silvano (2016) revelou importância significativa no tocante às reflexões sobre o cenário da educação na sociedade brasileira, quando foi observado um avanço nos documentos oficiais quanto à concepção de língua como interação e à variação linguística em sala de aula. Mais ainda, quando se percebeu que essas teorias são de conhecimento dos professores de Língua Portuguesa e que, em grande medida, já estão sendo colocadas em prática nas aulas e na avaliação por parte desses profissionais.

Silvano (2016), diante do caminho percorrido por sua pesquisa, espera que possa ter inspirado outros pesquisadores a desbravar os caminhos ainda desconhecidos da interface entre a sociolinguística e o ensino na busca por uma educação mais democrática e menos preconceituosa.

## 5. PALAVRAS FINAIS

Como vimos, os três estudos aqui arrolados trazem resultados de investigações delineadas sob o quadro teórico metodológico da sociolinguística variacionista, com ênfase em estudos de concordância verbal de primeira pessoa do plural em amostras de fala do Projeto VARSUL, da região de Florianópolis, e de fala e escrita de textos de alunos do ensino fundamental da rede pública de Florianópolis.

Os estudos indicam que, na escrita, há uso predominante do pronome *nós* em comparação com o pronome *a gente*. Em relação à concordância verbal com esses pronomes, observou-se que a concordância é, em sua maioria, de *a gente* com marca morfêmica *zero* e de *nós* com marca morfêmica *-mos*. A relação de concordância, nesses termos, é ainda maior na escrita do que na fala. Outro aspecto apontado pelos estudos é de que, quando o sujeito é expresso, temos um índice menor de concordância, já que o pronome carrega a marca de pessoa, diferente de quando está nulo, sendo necessária a marcação no verbo para garantir a informação da pessoa do discurso.

Considerando a relação desses estudos com o ensino dos paradigmas pronominal e flexional de primeira pessoa do plural, é importante pontuar alguns aspectos. Quando se pensa em ensino de gramática na perspectiva da variação linguística, os resultados apresentados nos ajudam a mapear a realidade sociolinguística, principalmente no que se refere à escrita de estudantes da educação básica, que pode indicar um ponto de partida para o ensino de língua real e contextualizado, no qual o ensino seja subordinado ao processo de aprendizagem, e não o aluno subordinado a uma língua padrão, demasiadamente formal. Assim sendo, nota-se que esse ensino tradicional e descontextualizado não abre espaço para uma relação

dialógica na qual o ensino da língua materna faça sentido para o aluno. E essa razão nos move a refletir e percorrer um caminho por um ensino de língua que se apresente mais dinâmico e transformador, visando ao trabalho com uma gramática contextualizada e funcional.

Sabemos, então, que os alunos usam, na escrita, mais *nós* do que *a gente*, mais concordância quando o sujeito é nulo e menos concordância quando o sujeito é preenchido. Partindo dessas constatações, seria interessante, primeiro, que os docentes levassem os alunos a refletirem sobre essa realidade de alternância entre os dois pronomes. Poderiam pensar ainda a respeito da possibilidade de uso desses pronomes em relação às diferentes situações sociocomunicativas, mediadas por diferentes gêneros do discurso, orais e escritos. Além disso, outra reflexão importante que os professores podem realizar em sala de aula com os estudantes refere-se à relação entre preenchimento do sujeito e flexão verbal.

Embora os documentos oficiais para o ensino de língua portuguesa no país já tragam a variação linguística como uma das perspectivas a serem contempladas no ensino de língua, ela ainda não foi incorporada como um dos articuladores desta área de ensino. Além disso, muitos professores, em sua formação inicial, ainda não têm disciplinas que contemplem aspectos fundamentais para o ensino de língua nessa perspectiva, por isso a divulgação de estudos dessa natureza pode ter um impacto significativo e profícuo no ensino de língua.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, S. R. N. *A variação na concordância verbal de primeira pessoa do plural na escrita de alunos do Ensino Fundamental*. 2013. 318 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- ANTUNES, I. *Aula de português; encontro & interação*. São Paulo, Parábola, 2003.
- ANTUNES, I. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo, Parábola, 2007.
- BAGNO, M. *Preconceito Linguístico, o que é, como se faz*. 49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BAGNO, M. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 11. ed. São Paulo: Contexto: 2001.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, M. (org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2004.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo, Ed. Lucerna, 37ª edição, 1999.

BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>.

BRASIL. LDB – *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. LEI nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O.U. de 23 de dezembro de 1996. Disponível em: [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br). Acesso em 25 de março de 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC/SEF, 2015, f. 302.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental*:

Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998a.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998b, 106 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: – língua portuguesa: ensino de primeira à quarta série*. Brasília : MEC/SEF, 1997. 144p.

BORGES, P. R. S. *A gramaticalização de a gente no Português Brasileiro: análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas*. 2004. 227 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BRUSTOLIN, A. K. B. da S. *Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Florianópolis*. 2009. 245 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

CALLOU, D. M. I; LOPES, C. R. Dos S. Contribuições da Sociolinguística para o ensino e a pesquisa: a questão da variação e mudança linguística. *Revista do GELNE (UFC)*. João Pessoa, v.5, p.63 - 74, 2004.

CHAGAS, J. F. *Concordância de a gente em estruturas predicativas na fala de Florianópolis: um estudo de tendência*. 2015. 123f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

COELHO, I. L. et al. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

COELHO, I. L. et al. *Norma Linguística do Português do Brasil*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2014.

CUNHA, Celso. *Gramática da Língua Portuguesa*. 12ª Ed. Rio de Janeiro: FAE, 1992.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GORSKI, E. M.; COELHO, I. L. (orgs.). *Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

GORSKI, E. M.; COELHO, I. L. *Variação lingüística e ensino de gramática*. 2008 [mimeo].

HEINE, B. Grammaticalization. In: JOSEPH, B. & JANDA, R. (eds.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford, Blackweel, 2003.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C. & HEINE, B. 106 Introdução (eds.): *Approaches to grammaticalization*. Volume I, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Company, 1991.

ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente: a língua que estudamos e a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.

KATO, M. A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

KLEIMAN, A. (Org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995. LABOV, W.; WALETZKY, J. 1967. *Narrative analysis*. Essays on the Verbal and Visual Arts, ed. J. Helm, 12-44. Seattle: U. of Washington Press.. Reprinted in *Journal of Narrative and Life History* 7:3-38, 1997.

- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno; M.M.P. Scherre; C.R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Cambridge: Blackwell, 2001.
- LOPES, C. R. dos S. *A gramaticalização de a gente em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos*. Fórum Linguístico, v. 4, nº1. Florianópolis, julho de 2004. p.47-80.
- LOPES, C. R. dos S. *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português*. vol. 18, Frankfurt/Madri: Vervuert/Iberoamericana, 2003.
- LOPES, C. R. dos S. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *DELTA*, vol. 14, nº 2, São Paulo: EDUC:1998. p. 405-422.
- LOPES, C. R. dos S. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. 1999. 167f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- LOPES, C. R. ; RUMEU, M. C. de B. O quadro de pronomes pessoais do português: as mudanças na especificação dos traços intrínsecos. In. CASTILHO, A. T. de. *Descrição, história e aquisição do 120 português brasileiros: estudos dedicados a Mary Aizawa Kato*. Campinas: Pontes Editores, 2007.
- MACHADO, M. S. *Sujeitos pronominais “nós” e “a gente”*: variação em dialetos populares do norte fluminense. 1995. 135f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.
- MONGUILHOTT, I. de O. e S.; Coelho, I. L. Um estudo da concordância verbal de terceira pessoa em Florianópolis. In: V. Paulino (org.) *Variação e mudança no português falado da região sul*. Pelotas: Educat, 2002, p.189-216.
- NARO, A. J.; GÖRSKI, E. M.; & FERNANDES, E. (1999) *Change without Change*. *Language Variation and Change*. v. 11, nº 2, New York, 1999, p. 197-211.
- OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: DUARTE, M. E. L.; PAIVA, M. da C de (org). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.
- OMENA, N. P. A. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P (org). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1998.

OMENA, N. P. A.; BRAGA, M. L. A gente está se gramaticalizando? In: MACEDO, A. T. et al. (Ed.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 75-83.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: ALB. Mercado de Letras, 1996.

ROORYCK, J. *On two types of underspecification: towards a feature theory shared by syntax and phonology*. *Probus*, v. 6, p.207-233, 1994.

SEARA, I. C. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. *Organon*, Porto Alegre, v. 14, n. 28/29, p. 179-94, 2000.

SILVANO, G. L. P. *A concordância verbal de primeira pessoa do plural em textos escritos por alunos do ensino fundamental da rede pública de Florianópolis*. 2016. 198 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

VIANNA, J. B. de S. *A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca*. 2006. 114f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

VIANNA, J. B. de S. *Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português*. 2011. 255 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

VIANNA, J. B.; LOPES, C. R. S. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

ZILLES, A. M. S. *O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?* Letras de Hoje, V. 42, n. 2, p. 27-44, Porto Alegre, 2007.

ZILLES, A. M. S et al. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. *Organon*, n 28,29. Estudos da Língua Falada. UFRGS, 2000. P.195-219.

ZILLES, A. M. S.; BATISTA, H. H. R. B. A concordância verbal de primeira pessoa do plural na fala culta de Porto Alegre. In: VANDRESEN, Paulino (org). *Variação, mudança e contato linguístico no português da região sul*. Pelotas: Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2006. p. 99-124.